

Evidencialidade na língua Shanenawa (Pano)

(Evidentiality in Shanenawa (Panoan) Language)

Gláucia Vieira Cândido¹, Lincoln Almir Amarante Ribeiro²

¹ Unidade de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas - Universidade Estadual de Goiás (UEG)

² Instituto de Ciências Exatas - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

glaucia.vieira@ueg.br, almir.bh@terra.com.br

Abstract: The interest concerning evidentiality as a linguistic typological feature has increased since the past last years. Evidentiality is a suitable way to express the reliance of an event described in a statement of speech. In order to contribute with the discussions about the subject, we will present in this sort paper a concise description of evidentiality in Shanenawa (Panoan) language. This language has shown to be an important object of study in this topic. The language codifies in a relatively simple way the main types of evidentiality as pointed out in the literature (reportative, sensorial, inferential and supposition) and presents a grammatical subsystem which is independent of its codification of time, aspect and mood.

Keywords: linguistics; Shanenawa language; evidentiality.

Resumo: Desde a década de 80, tem aumentado muito, especialmente no âmbito das generalizações tipológicas lingüísticas, o interesse pela evidencialidade, que é a maneira pela qual um falante expressa o quão certo está sobre a veracidade do fato que está informando em um enunciado. Com o objetivo de contribuir para as discussões sobre o tema, apresentaremos neste artigo uma breve descrição da evidencialidade na língua Shanenawa (Pano). Esta língua se apresenta como um interessante campo de estudo, pelo fato de codificar de maneira relativamente simples os principais tipos de evidencialidade conhecidos na literatura (relatada, sensorial, inferencial e suposição), ainda, de modo a ser um subsistema gramatical que é independente dos sistemas que codificam, tempo, aspecto e modo.

Palavras-chave: Lingüística; língua Shanenawa; evidencialidade.

Introdução

A língua Shanenawa é falada por uma etnia, cuja população está dividida em quatro aldeias (Paredão, Nova Vida, Morada Nova e Cardoso) localizadas na região norte central do Estado do Acre, à margem esquerda do rio Envira, no Município de Feijó, no Brasil.

Os dados demográficos gerais acerca dessa etnia, segundo o Departamento de Documentação (DEDOC) e o Serviço de Informação Indígena (SEII) da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) dão conta dos seguintes números populacionais: Morada Nova, 200 índios; Paredão, 53; Cardoso, 54 e Nova Vida, 49. Dessa forma, segundo a FUNAI (2002 apud CÂNDIDO, 2004), existem ao todo 356 índios dessa etnia.

Com respeito ao uso da língua, aparentemente todos os representantes do povo Shanenawa falam o português. Todavia, as crianças, em especial, embora entendam a língua materna, conversam entre si exclusivamente em português e, muitas vezes, até se recusam a usar o idioma de seus antepassados. Ademais, também os falantes que estão saindo da adolescência estão migrando continuamente para os centros urbanos para completar os estudos. Nesse caso, o contato com a língua indígena acaba por se restringir ao contato familiar, o que pode contribuir para o perigo de sua extinção.

Quanto à sua filiação genética, o Shanenawa apresenta características léxicas e morfossintáticas de língua pertencente à família Pano. As línguas dessa família estão distribuídas em diversas localidades, em três países da América do Sul: Peru, Bolívia e Brasil. De acordo com a mais recente classificação (AMARANTE RIBEIRO, 2006) para as línguas Pano, estas estão divididas em quatro grandes grupos, os quais em sua maioria é subdividido em grupos menores. Assim, o chamado Grupo III é constituído por quatro grupos menores, dentre os quais o Subgrupo III-2 que, por sua vez, origina o chamado Subgrupo III-2-2, no qual está situada a língua Shanenawa.

Em termos tipológicos, o Shanenawa é uma língua que faz uso extensivo de aglutinação, sendo a maioria de suas palavras formada pela união de sufixos às bases nominais e verbais (CÂNDIDO, 2004). Muitos desses sufixos costumam indicar nuances sutis de significados, o que torna a língua bastante expressiva. Uma forma de se manifestar tais nuances é a evidencialidade. Para manifestar tal expressividade, os falantes Shanenawa costumam recorrer à utilização de marcas de evidencialidade, que é o meio pelo qual o falante indica a fonte, a confiança e as atitudes em relação à informação que transmite ou o conhecimento que possui acerca dela. Em termos mais técnicos, a evidencialidade é uma categoria lingüística que permite estrategicamente a manipulação de informações quanto à fonte do conhecimento e ao grau de (des)comprometimento do falante com a referida fonte.

Em geral, diversas questões cercam os estudos sobre a evidencialidade, por exemplo, como o sistema evidencial é estruturado internamente em uma determinada língua? Em que esse sistema se compara com o de outras línguas? Como a evidencialidade está relacionada a outras categorias semânticas, em particular, com a modalidade? Qual a posição da evidencialidade na teoria do significado? Como os diversos tipos de modalidade são codificados gramaticalmente nas línguas? Todavia, por questões de espaço, limitaremos o tratamento do tema aqui restringindo-nos apenas à primeira dessas questões.

Dessa forma, este artigo pretende cooperar com a ampliação da resposta pretendida pelo referido questionamento, apresentando um breve estudo cujo objetivo é identificar, descrever e analisar as marcas lingüísticas evidenciais na língua Shanenawa. Esperamos com isso contribuir para os estudos tipológicos das línguas naturais, especialmente, as da família Pano e de outras famílias da América do Sul.

A seguinte linha de exposição será adotada na estrutura do artigo: na próxima seção, faremos uma breve apresentação de alguns pressupostos teóricos sobre a evidencialidade, tal como é tratada na literatura lingüística. Na seção subsequente, a evidencialidade será objeto de análise a partir de sua ocorrência na língua Shanenawa. Para finalizar, as duas últimas partes do trabalho são destinadas à conclusão e às referências bibliográficas.

Pressupostos teóricos

O termo ‘evidencialidade’, como informação obrigatória nas línguas naturais, foi usado pela primeira vez por Franz Boas (1911). Contudo, foi Willet (1988) quem formalizou o conceito de modo mais geral tal como o reconhecemos hoje, ou seja, como a maneira pela qual um falante expressa o quão certo está sobre a veracidade do fato que está enunciando ou, em outros termos, como o posicionamento desse falante com

respeito à informação dada, o que se dá via gradação de sua confiabilidade ou não nessa informação. É importante ressaltar, porém, que antes disso, esse conceito já havia sido expandido por Jakobson (1957 apud Jakobson, 1990) nas línguas Balcânicas, Eslavas e Românicas. Mais recentemente, Jacobsen (1986) e Aikhenvald (2004) apresentam um resumo do conceito e do reconhecimento da evidencialidade como uma categoria gramatical.

O interesse pela questão da evidencialidade aumentou muito desde o início dos anos 80. A partir de então, além das descrições individuais das línguas, também passaram a interessar aos estudiosos as comparações entre línguas para generalizações tipológicas e, ainda, a relação entre evidencialidade como uma categoria modal e outras categorias semânticas que expressam valores epistêmicos (cf. CHAFE e NICHOLS, 1986; PALMER, 1986; JOHANSON e UTAS, 2000, entre outros).

No âmbito da classificação tipológica, a importância da evidencialidade está no fato de ela ser uma categoria que está intimamente relacionada com outras categorias gramaticais como tempo, aspecto e modo, e, ainda, no fato de ela poder ser expressa tanto por meios lexicais como gramaticais. Segundo Aikhenvald (2003, 2004), cerca de um quarto das línguas do mundo apresentam evidencialidade gramatical. Essas línguas contam, portanto, com os evidenciais, elementos gramaticais - afixos, clíticos ou partículas - usados para indicar a evidencialidade. Em contrapartida, línguas como o Português não apresentam evidencialidade gramatical. Nestas, as informações evidenciais são expressas, geralmente, via verbos modais.

Ainda de acordo com Aikhenvald (2003, 2004), existem dois tipos de evidencialidade gramatical aos quais denominou Tipo I e Tipo II. O primeiro, também chamado “inferencialidade”, indica que, embora exista uma evidência para determinada informação, seu tipo não é especificado por ser irrelevante no contexto. Em contrapartida, o Tipo II, que caracteriza a evidencialidade propriamente dita, não só indica a existência da evidência como também especifica gramaticalmente sua natureza como relatada, sensorial, inferida, entre outras.

Neste trabalho, interessa-nos apenas o Tipo II, cujas categorias de evidencialidade podem ser divididas com base nos seguintes critérios: testemunho *versus* não-testemunho; primeira-mão *versus* não primeira-mão; sensorial (visual *versus* não-visual); inferencial; relato e suposição.

A evidência testemunhal é aquela que indica que a informação dada pelo falante foi obtida através de observação direta (portanto, de primeira-mão) e, nisso, se opõe à evidência não-testemunhal, a qual indica que o falante obteve a informação de outra fonte (de segunda ou até mesmo de terceira-mão). A evidência sensorial é aquela que indica que a informação foi obtida por um dos sentidos do falante (visual ou não-visuais, isto é, olfativo, auditivo, etc.). A evidência inferencial é a que indica que a informação não foi obtida pelo falante por testemunho (ou por outra fonte), mas sim por dedução a partir de outras evidências indiretas. A evidência relatada é a que indica que a informação foi fornecida ao falante por outrem e pode ser de dois subtipos: *hearsay* (“ouvi dizer”), que pode não ser precisa, ou quotativa, que é aquela que indica que a informação, além de não ser precisa, é não aberta a interpretações. Finalmente, a evidência por suposição é aquela que indica que a informação pode ser aceita como verdadeira com base em experiências externas ou internas do falante.

Tomando como referência esses tipos de evidência, Aikhenvald (2003, 2004) classificou ainda as línguas quanto ao número de marcas evidenciais que cada uma delas possui. Desse modo, as línguas podem ser classificadas como: A (de dois termos), B (de três termos), C (de quatro termos) e D (de cinco termos), tal como podemos ver no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1. Classificação das línguas naturais de acordo com o número de marcas evidenciais

A	A1 - Testemunhal e não-testemunhal. A2 - Não de primeira-mão e qualquer outro tipo de evidência. A3 - Relatada e qualquer outro tipo de evidência.
B	B1 - Sensorial (visual), inferencial e relatada. B2 - Sensorial (visual), sensorial (não-visual) e relatada. B3 - Sensorial (não-visual), inferencial e relatada.
C	C1 - Sensorial (visual), sensorial (não-visual), inferencial e relatada. C2 - Sensorial (visual), inferencial, relatada e suposição. C3 - Sensorial (visual), inferencial, relatada e quotativa.
D	D1 - Sensorial (visual), sensorial (não-visual), inferencial, relatada e suposição.

As marcas de evidencialidade em Shanenawa

A língua Shanenawa possui a característica de codificar de maneira relativamente simples a fonte de informação dos enunciados produzidos pelos falantes, pois, diferentemente do que ocorre em outras línguas amazônicas, como, por exemplo, a língua Karo da família Ramarama do tronco Tupi (cf. GABAS JÚNIOR, 2003) e as da família Tukano Oriental (cf. STENZEL, 2006), a evidencialidade é um fenômeno autônomo, ou seja, é feita de modo a ser um subsistema gramatical independente dos sistemas que codificam tempo, aspecto e modo.

Assim, em Shanenawa, os marcadores de evidencialidade são sufixos exclusivos que se ligam às bases verbais, em posição geralmente final na ordem básica da morfologia verbal. Dessa forma, há dois tipos básicos de evidência na língua, aos quais estamos chamando aqui de evidencialidade externa e interna. Essa distinção baseia-se no critério de oposição entre a evidência que está centrada em outra fonte que não seja o falante (não de primeira-mão) e a que está no falante (de primeira-mão). Essa primeira divisão permite-nos vislumbrar de forma mais clara as quatro categorias principais de evidencialidade conhecidas na literatura: relatada ou citada (a fonte não é o falante); sensorial, inferida e suposta ou de suposição (em que a fonte é o próprio falante). Outras divisões da categoria ainda podem ser feitas e dizem respeito a especificações particulares das categorias relatada e sensorial, conforme pretendemos mostrar posteriormente. Uma proposta de organização dessas categorias, conforme sua ocorrência na língua Shanenawa pode ser vista de forma mais sistematizada na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1: Categorias de evidencialidade na língua Shanenawa (Pano).

MARCAS DE EVIDENCIALIDADE EM SHANENAWA								
EXTERNA OU NÃO PRIMEIRA-MÃO		INTERNA OU PRIMEIRA-MÃO						
RELATADA		SENSORIAL			INFERIDA	SUPOSTA		
OUVIDA	QUOTATIVA	VISUAL	NÃO-VISUAL			-	-CERTZ.	+CERTZ.
			OLFATIVA	AUDITIVA	OUTROS		-maĩ	-ficaĩ
-kiã	-kĩ	-nĩ	-nĩ	-nĩ	-nĩ		-raka	-shafaĩ

Assim, vejamos inicialmente os exemplos abaixo que ilustram o marcador de evidência do tipo *relatada*:

- (1) ene- ϕ ¹ pake-**kiã**
 água-ABS cair-EV
 ‘Ouvi dizer que está chovendo.’
- (2) aw ĩ hu Feijó anu peshe ka-a-**kiã**
 mulher(ABS) Feijó LOC casa ir-PAS-EV
 ‘Ouvi dizer que a mulher foi de casa para Feijó’.
- (3) yuma ĩ -ni kamã- ϕ rete-a-**kiã**
 onça-ERG cachorro-ABS matar-PAS-EV
 ‘Dizem que a onça matou o cachorro.’
- (4) aw ĩ hu Feijó anu peshe ka-a-**kiã**
 mulher(ABS) Feijó LOC casa ir-PAS-EV
 ‘Dizem que a mulher foi de casa para Feijó’.
- (5) yuma ĩ -ni kamã- ϕ rete-a-**kĩ**
 onça-ERG cachorro-ABS matar-PAS-EV
 ‘Afirmo que a onça matou o cachorro.’
- (6) aw ĩ hu Feijó anu peshe ka-a- **kĩ**
 mulher(ABS) Feijó LOC casa ir-PAS-EV
 ‘Afirmo que a mulher foi de casa para Feijó’.

Como podemos notar, em (1-4), o valor semântico do sufixo {-kiã} é “dizem” ou “ouvi dizer” sem, contudo, revelar a identidade da fonte que forneceu a informação ao falante. Trata-se, portanto, de uma evidência do tipo *hearsay* (ouvida). Já em (5-6), o sufixo evidencial {-kĩ} indica que o falante está tomando como verdadeira, certa e inquestionável a afirmação que está dando, o que nos remete ao chamado “argumento

¹ O grafema <e> representa a vogal alta central não-arredondada fechada; <r>, a consoante tepe alveolar.

de autoridade”. Todavia, ao mesmo tempo, o falante deseja deixar claro que não presenciou o fato declarado, atenuando a responsabilidade em relação ao que é dito, daí considerarmos essa evidência como *quotativa*. Enfim, no âmbito da evidencialidade *relatada* é possível, embora não especificando a fonte, qualificar a confiança na informação que o falante comunica ao ouvinte expressando o grau de precisão dessa informação.

Vejam os agora exemplos de dados que ilustram a evidencialidade do tipo *sensorial*:

- (7) ene- ϕ pake-**nĩ**
 água-ABS cair-EV²
 ‘Está chovendo.’
- (8) aw ĩ hũ ixkĩ xui-**nĩ**
 mulheres(ERG) peixe-ABS assar-EV
 ‘As mulheres estão assando peixe.’
- (9) yuma ĩ -ni kamã- ϕ rete-a-**nĩ**
 onça-ERG cachorro-ABS matar-PAS-EV
 ‘A onça matou o cachorro.’

No exemplo em (7) e (8), a fonte da informação dada pelo falante é assegurada pelo seu próprio sentido, seja ele visual (o falante vê a chuva cair/as mulheres assando peixe) ou não-visual (ele ouve o som da chuva caindo ou sente o cheiro de terra molhada/de fumaça e carne de peixe assada, etc.). Em (9), também é possível se ter certeza da ocorrência do fato informado, já que o próprio falante o presenciou. Desse modo, em Shanenawa, um mesmo sufixo, {-nĩ}, marca a evidência sensorial independente de qual seja o sentido (visual ou não-visual).

As duas últimas categorias de evidencialidade apontadas na Tabela 2, *inferência* e *suposição*, são ainda passíveis de discussão para nós, especialmente, a primeira. Na realidade, parece-nos, pelo que averiguamos até o momento, que não há um marcador morfológico para o caso de fonte de informação inferida, por isso, por ora, estamos optando em deixar o espaço na Tabela 1 relativo a essa categoria em aberto.

Quanto à categoria de evidencialidade por *suposição*, os falantes Shanenawa costumam recorrer a diferentes marcadores dessa categoria, segundo a sua necessidade de expressar o grau de precisão da informação transmitida. Nesses termos, vejamos, primeiramente os exemplos seguintes:

- (10) ene- ϕ pake-**maĩ**
 água-ABS cair-EV
 ‘Suponho que esteja chovendo.’
- (11) aw ĩ hũ ixkĩ- ϕ xui-**maĩ**
 mulheres(ERG) peixe-ABS assar-EV
 ‘Suponho que as mulheres estejam assando peixe.’

² As abreviaturas usadas neste artigo são: ABS: absolutivo, ERG: ergativo, EV: evidencialidade, LOC: locativo, NEG: negação, PAS: passado, PRE: presente, SR: *Switch Reference* (Sistema de Referência Alternada), 3ps: terceira pessoa singular, ϕ morfema zero.

- (12) yuma ï-ni kamã-φ rete-**maĩ**
 onça-ERG cachorro-ABS matar-PAS-EV
 ‘Acho que a onça matou o cachorro.’
- (13) ma peshe inu ka-a-**raka**
 já casa LOC ir-PAS-EV
 ‘Tenho dúvidas de que ele foi para casa.’
- (14) Shuaine-ne ixkĩ-φ newe-**raka**
 Shuaine-ERG peixe-ABS pegar-EV
 ‘Tenho dúvidas de que Shuaine (nome próprio) pegou peixe.’
- (15) ma peshe inu ka-a-**fikaĩ**
 já casa LOC ir-PAS-EV
 ‘Acredito que ele já tenha ido para casa.’
- (16) Shuaine-ne ixkĩ-φ newe-**fikaĩ**
 Shuaine-ERG peixe-ABS pegar-EV
 ‘Acredito que Shuaine tenha pegado peixe.’

Como se pode notar, em (10-12), o sufixo evidencial {-maĩ} funciona como um marcador de pressuposição. Trata-se, assim, de uma evidência assumida, porém com a ressalva de o falante não ter certeza da veracidade do que está afirmando. Como vemos aqui é possível até mesmo começar a pensar numa espécie de modalização no contínuo entre a certeza e a não-certeza, sinalizando que algo não está sendo dito de forma categórica e sugerindo um grau de (des)comprometimento em relação à verdade da proposição. Em (13-14), a dúvida também vigora, mas com um grau maior de incerteza, daí o uso do sufixo {-raka}. Já nos exemplos, em (15-16), o falante utiliza outro sufixo, {-fikaĩ}, pois, apesar de esboçar certa falta de segurança sobre a veracidade da afirmação, o falante acredita que o que está afirmando realmente ocorreu.

Uma outra marca de evidencialidade usada pelos Shanenawa é {-shafaĩ}, a qual também expressa uma suposição, porém, falsa, como nos exemplos em (17-18), a seguir. Comparando com (19-20), percebemos o sufixo {-shafaĩ}, nesse caso, pode substituir outro marcador de evidência de mesma ordem, {-maĩ}, tornando o enunciado mais econômico.

- (17) ma peshe inu ka-a-**shafaĩ**
 já casa LOC ir-PAS-EV
 ‘Eu pensei que ele já tivesse ido para casa, mas ele não foi.’
- (18) atũ ixkĩ-φ wasi newe-a-**shafaĩ**
 3ps peixe muito pegar-PAS-EV
 ‘Eu pensei que ele tivesse pegado muito peixe, mas ele não pegou.’
- (19) ma peshe inu ka-a-**maĩ** hiay ka-a-ma
 já casa LOC ir-PAS-EV mas ir-PAS-NEG
 ‘Eu pensei que ele tivesse ido para casa, mas ele não foi.’
- (20) atũ ixkĩ-φ wasi newe-a-**maĩ**
 3ps peixe muito pegar-PAS-EV
 ‘Eu pensei que ele tivesse pegado muito peixe, mas ele não pegou.’

Um último sufixo detectado no Shanenawa é {-maki}. Este, porém, exprime um estado de surpresa do falante frente ao que está enunciando, o que nos leva a interpretá-lo, na realidade, não como uma marca de evidencialidade, mas sim de modalidade epistêmica, como podemos ver nos seguintes exemplos:

- (21) ma peshe inu ka-a-**maki**
 já casa para ir-PAS-EV
 ‘Estou surpreso que ele já tenha ido para casa.’
- (22) atũ ixkĩ-ϕ wasi newe-a-**maki**
 3ps peixe muito pegar-PAS-EV
 ‘Estou surpreso que ele tenha pegado muito peixe.’

Como se pode notar, neste último caso a marca de evidencialidade também sugere um posicionamento crítico em relação à fonte da informação, permitindo uma correta avaliação do conteúdo assimilado pelo ouvinte.

Para finalizar, apresentamos, a seguir, um exemplo em que os evidenciais podem ser observados em uma situação de narrativa na língua Shanenawa.

- (23) Tekahaine ni-mera kai-misi-shũ, atuna ewui-a nenu maru
 Nome próprio mata-LOC passear-PRES-SR 3ps dizer-PAS aqui cutia
 Tikefaine (Inácio), enquanto passeava na mata, ouviu alguém dizer que ali havia muitas
- wasi aya-a. Mae-mera nuku-i-shey Tekahaine tsaĩ-a
 muita ter-PAS Aldeia-LOC chegar-PRE-SR nome próprio dizer-PAS
 cutias. Quando ele chegou à aldeia falou que alguém havia dito para ele
- ni-mera maru wasi aya-**kiã**. Atũ maru wasi uĩ-a-shũ-**nĩ**.
 mato-LOC cutia muito ter-EV 3ps cutia muito ver-PAS-SR-EV
 que no mato tinha muitas cutias. Ele mesmo viu muitas cutias.
- Askanũ Suaine ni-anu kaia-a maru-ϕ uĩ-a-ma
 Então nome próprio mato-LOC ir-PAS cutia-ABS ver-PAS-NEG
 Então, Suaine (Militão) foi para o mato, mas não viu cutia nenhuma.
- Askanũ Tekahaine tsaĩ-a: ni-mera maru-ϕ wasi
 Então nome próprio disse-PAS mato-LOC cutia-ABS muita
 Então, Tikefaine disse: eu pensava que no mato tinha muita cutia,
- aya-**shafaĩ**.
 ter-EV.
 mas eu me enganei.

Como podemos observar no exemplo em (23), acima, inicialmente temos o evidencial {-kiã}, o qual indica na fala do narrador que a informação dada pelo falante (Tekahaine) é do tipo *relatada*, ou seja, é uma informação de segunda-mão não identificada pelo referido falante. Todavia, por alguma razão que foge aos objetivos desta análise, o falante reforça a informação dada e desta feita evidenciando a fonte, ou seja, ele mesmo. Neste caso, a forma {-nĩ} expressa uma evidência do tipo sensorial (visão). O último evidencial que ocorre nessa narrativa é {-shafaĩ}, o qual indica que a informação dada é uma suposição que em princípio era tida como verdadeira, mas que pelo que indica o falante, acabou por se tornar falsa.

Conclusão

A descrição da evidencialidade na língua Shanenawa, apresentada neste artigo, mostrou que a referida língua codifica de maneira relativamente simples (ou seja, por meio da adição de sufixos às bases verbais) três dos principais tipos de fonte de informação conhecidos na literatura: relatada, sensorial (visual e não-visual) e inferencial.

Portanto, em termos tipológicos, podemos dizer que o Shanenawa é uma língua que, de acordo com a classificação de Aikhenvald (2003, 2004), pode ser classificada como C1, o que neste ponto a torna “companheira” de várias línguas pertencentes a uma outra família de línguas indígenas faladas no nordeste da Amazônia: o Tukano do Leste.

Já no âmbito da família Pano, ao contrário de outras línguas, que apresentam um sistema mais complexo de evidencialidade, como é o caso do Matsés (FLECK, 2003) e do Matis (FERREIRA, 2005), no Shanenawa, a evidencialidade é considerada relativamente simples comparável ao que também é visto em outras línguas Pano como, por exemplo, o Yaminawa (EAKIN, 1991), o Shipibo (FAUST, 1990; LORIOT ET ALL, 1993) e o Capanawa (LOOS e LOOS, 1998).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, A. Y. Evidentiality in typological perspective. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. (eds.) *Studies in evidentiality*. Amsterdam: Benjamins, 2003. p.1-31.
- AIKHENVALD, A. Y. *Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- AMARANTE RIBEIRO, L. A. Uma proposta de classificação interna das línguas da família Pano. *Revista Investigações. Lingüística e Teoria Literária*. Recife, v. 19, n. 2, julho. 2006.
- BOAS, F. *Handbook of American Indian languages*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 40. Washington: Government Print Office (Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology), 1911.
- CHAFE W. L.; NICHOLS, J. (eds.). *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*. Norwood: Ablex., 1986.
- CÂNDIDO, G. V. *Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano)*. 2004. 273 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- EAKIN, L. *Lecciones para el aprendizaje del idioma Yaminahua. Documento de Trabajo* n. 22. Lima, Peru: ILV, 1991.
- FAUST, N. *Lecciones para el aprendizaje del idioma Shipibo-Conibo*. Documento de Trabajo n. 1. Lima: Ministério de Educación, Instituto lingüístico de Verano, 1990.
- FERREIRA, R. V. *Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical*. 2005. 302 f. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

FLECK, D. W. *A grammar of Matsigenka*. 2003. 423 f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) - Departamento de Linguística, Rice University. Houston.

GABAS JÚNIOR, N. Evidenciais em Karo. In: Atas do I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL. Tomo 1. Belém: Gráfica Universitária/UFPA, 2003.

JACOBSEN W. H. Jr. The heterogeneity of evidentials in Makah. In: CHAFE, W. L.; NICHOLS, J. (orgs.). *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1986.

JAKOBSON, R. Shifters and verbal categories. *On language*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990. p. 386-392. (Original publicado em 1957).

JOHANSON, L.; UTAS, B. (eds.) *Evidentials*. Turkic, Iranian and neighbouring languages. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

LOOS, E.; LOOS, B. *Diccionario Capanahua-Castellano*. Série Lingüística Peruana, n. 45. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1998.

LORIOT, J.; LAURIAULT, E.; DAY, D. *Diccionario Shipibo-Castellano*. Yarinacocha, Pucallpa: Ministerio de Educación del Perú/Instituto Lingüístico de Verano, 1993.

MITHUN, M. Evidential diachrony in Northern Iroquoian. In: CHAFE, W.; NICHOLS, J. (orgs.). *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1986. p. 89-112.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. New York: Cambridge University Press, 1986.

STENZEL, K. As categorias de evidencialidade em Wanano (Tukano Oriental). *LIAMES*, n. 6. 2006, p. 7-28.

WILLET, T. L. A cross-linguistic survey of the grammaticalization of evidentiality. *Studies in Language*, 12, 1988. p. 51-97.